

CADA TEMPO TEM A TRAGÉDIA QUE MERECE



THIAGO MARTINS

Cada tempo tem a tragédia que merece



© Moinhos, 2017.
© Thiago Martins, 2017.

Edição:
Camila Araujo & Nathan Matos

Revisão:
LiteraturaBr Serviços Editoriais

Diagramação e Projeto Gráfico:
LiteraturaBr Serviços Editoriais

Capa:

1ª edição, Belo Horizonte, 2016.

Nesta edição, respeitou-se o
Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

M379c
Martins, Thiago | Cada tempo tem a tragédia que merece
ISBN 978-85-92579-45-6
CDD B869.3
Índices para catálogo sistemático
1. Contos I. Título

Belo Horizonte:
Editora Moinhos
2017 | 106 p.; 21 cm.

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Moinhos
Rua João Antônio Cardoso, 46
Ouro Preto - Belo Horizonte - MG
31310-390

editoramoinhos.com.br
editoramoinhos@gmail.com

Sumário

Tolerância,	7
Atos secretos,	11
História confusa de simbolismo ultrapassado,	14
Jornal de domingo,	21
O deslocador cronal,	23
Jurandir,	32
Masmorras, Dragões e custo de vida,	37
No meu carro ou no seu?,	41
O homem mariposa,	44
Tempos modernos,	53
Medíocre,	58
Deus Ex Disquis,	63
Papo de maluco,	70
Barrabás,	75
Fringe,	88
TDA,	95
Óculos,	99



Tolerância

O trovão ribombou sobre o clamor das vozes, anunciando a fúria divina com a cena que se desenrolava. A terra negra e úmida do vale distorcia-se sob o peso das patas dos cavalos. Uma gota de suor escorreu pelas mãos imundas de um cadete imberbe e arrastou-se pela lâmina grosseira de uma espada de infantaria. À esquerda da terra de ninguém, dois mil bravos homens, entre arqueiros, infantaria e cavaleiros, sob o brasão da rosa. À direita, três mil e quinhentos varões da guarda da casa real orgulhosamente sustentam o estandarte do lobo. Um vento silencioso corta a terra infértil entre eles. Mãos cobertas de metal carregam a trombeta à boca desdentada de um homem de vestes nobres. Um som grave ecoa e mil espadas são desembainhadas. Um estandarte desce e quinhentos cavalos avançam. Duas massas de gente e ferro se chocam pintando o ar com sangue. Avançam soldados. Cavaleiros. E finalmente, quando se esgotam os disparos, os arqueiros. Todo um contingente de marchando barulhentosamente para a morte. Um contingente menos João. João ficou para trás.

Com o cotovelo apoiado na lança fixa na terra e a mão segurando o queixo, João ficou parado assistindo aquela gente toda correr e matar e morrer. Coçou as costas da mão e pensou. Olhou para o céu e tentou calcular se daria tempo de chegar em casa para jantar. Ajeitou os fundilhos da armadura. Olhou o sol novamente e calculou que já estavam lutando há meia hora. Ainda ia demorar um bocadinho. Suspirou. Que tédio. Tirou da aljava um pedaço de pão rançoso e começou a mastigar. E finalmente reparou. Lá do outro lado. Quase onde não se podia ver, meio encoberto pelas carroças em chamas e pilhas de corpos, havia uma outra pessoa parada, olhando a cena e coçando a barriga. Fez sinal. O outro viu. Caminharam preguiçosamente em direção um ao outro.

Falou primeiro:

— Opa! Dia!

— Como vai a vivência?

— Bem, bem. E por aí?

— Desse jeito, né? Fazer o quê?

— Pão?

— Obrigado.

— Sou João. Qual a sua graça?

— Mas olha só, João também.

— Que coincidência.

Suspiraram. Um coçou a nuca, o outro a barriga. Olharam brevemente a batalha.

— Que coisa, né?

— E não é? Pra que isso?

— Sabe que eu nem sei? Chegaram lá em casa falando umas coisas de defender terras...

— Ah, coisa de nobre.

— Demais.

— Essa gente arruma briga e depois quer que a gente vá lá defender eles.

— Pois é. E no domingo de manhã!

— O povo de lá falou que não vinha nem fodendo. Mas acabaram vindo.

— É sempre assim. Lá também.

— É que aí vem o nobre e começa a falar que o outro exército não é cristão...

— Ou que é de outra raça...

— Aí o povo fica com raiva, sei lá de quê, e acaba vindo.

— Eu não entendo essa gente que quer matar todo mundo que é diferente.

— Pois é. Pra que isso? Qual o problema de ser diferente?

— Eu já acho até bom. Ajuda a gente a crescer.

— Verdade. Mania desse povo de achar que só porque alguém pensa diferente é inimigo.

— Pois é. Olha só a gente. Devia estar lá se matando, em vez disso estamos comendo um pão.

— Sabe o que a gente devia fazer? Ajeitar as nossas coisas e ir embora. Pegar a família e ir plantar em outro canto, longe desses nobres e dos reinos deles.

— Poxa, que ótima ideia! Aposto que rapidinho ia ter um monte de gente querendo se juntar.

— Pois é. Dava até pra gente formar um novo país.

— Cara, pensa que incrível! Um país novo! Com espaço pra todo mundo, não importam as diferenças!

— Sem preconceitos! Apreendendo uns com os outros!

— Sem fazer diferença! Não importa sua cor, raça, religião!

— Se é preto...

— Ou branco!

— Católico.

— Muçulmano.

- Homo.
- Hétero.
- Sunita.
- Xiita.
- Mangá.
- Comics.
- Drama
- Comédia.
- Bolacha.
- Biscoito.
- PS4.
- Xbox one.
- Apple.
- Samsung.
- Joelma.
- Chimbinha.
- PT.
- Ou PSDB.

Silêncio. Olharam-se. Dantes rangeram. Sacaram as armas. Tolerância tem limite.

Atos secretos

— Alô?

— Vossa excelência?

— Quem é?

— Aqui quem fala é Vossa Excelência.

— Vossa Excelência, como vai?

— Vou bem, muito obrigado, e Vossa Excelência?

— Excelente. Em que posso ajudar tão ilustríssima figura?

— Vossa Excelência se lembra daquela situação envolvendo aquela pessoa de meu conhecimento naquela necessidade?

— Mas é claro.

— Pois bem, parece que uma outra Vossa Excelência deixou vaziar para uma jornalista de corpo esguio que vossa excelência me concedeu aquele auxílio.

— Mas como é isso? Que absurdo! Ninguém mais respeita o conceito de ato secreto?

— Pois é, Vossa Excelência, agora veja só: Temos que tomar alguma providência.

— De fato e de direito!

— O primeiro a fazer é garantir que o mafeito seja desfeito.

- Plenamente de acordo!
- Então Vossa Excelência, por favor garanta a imediata saída da pessoa citada.
- Perfeitamente, mas de quem Vossa Excelência está falando, especificamente?
- Vossa Excelência não sabe?
- Vossa Excelência há de entender que na minha posição é difícil lembrar de todos os envolvidos. Há muitas situações em que meus préstimos se fazem necessários.
- Mas, Vossa Excelência, de minha parte há apenas uma requisição para vossa senhoria.
- Vossa Excelência há de compreender...
- Vossa Excelência não sabe quem eu sou?
- Há tantas ‘Vossa Excelência’ a quem empenho meus préstimos...
- É compreensível, mas, ainda assim, se puder me conceder o favor de resolver esta situação...
- É claro, basta me dizer a quem devo demitir.
- Não use a palavra demitir. Assim fica muito explícito do que estamos falando.
- Certo, então que situação eu devo resolver?
- Não posso falar.
- E por que não?
- Porque essa é uma situação secreta. Se der nomes, me denuncio.
- Mas assim é segredo demais!
- Segredo nunca é demais. Vai saber quem grampeou essa linha.
- Mas se o grampeador oficial já foi dessa pra melhor...
- Mas deixou discípulos, Vossa Excelência. Eu mesmo fiz um cursinho com a ABIN...

— Opa! Olha o segredo. Quanto menos eu souber, mais fácil é negar.

— É verdade, é verdade. Mas ainda temos que considerar a providência divina.

— E Deus lá se mete em política?

— Deus eu não sei. Mas aposto que o grampeador original a essas alturas já tem cargo na alta administração das paragens celestiais.

— Mas quem manda lá é o Criador.

— A Bahia tinha governador e ele mandava mesmo assim. O Brasil tinha presidente...

— Já entendi, Vossa Excelência. Mantenhamos os nomes em segredo.

— E, então, o que faremos?

— Bem, Vossa Excelência, certamente compreende que não posso desfazer todos os outros segredos que tenho comigo e ainda não caíram na boca da imprensa até acertar.

— Nem me passa pela cabeça pedir tal coisa a Vossa Excelência.

— Bem, podemos fazer o trivial.

— Que seria?

— Esperamos a denúncia, você diz que não sabia que eu tinha agido, eu digo que não sabia que era de seu conhecimento, fazemos cara de inocente, dizemos que vamos desfazer. Como ninguém sabe direito do que estamos falando o povo acredita e dali a duas semanas aparece o segredo de outra pessoa e acabam nos esquecendo.

— A habilidade política de Vossa Excelência me deixa abismado.

— Vossa Excelência me deixa lisonjeado.

— É a mais pura verdade.

— Agora, quem vamos jogar na fogueira para nos livrar?

— Vossa Excelência, ouvi dizer que tem um diretor de estatal recebendo propina...